



EINSTEIN NO ESPAÇO-TEMPO

A VIDA DE UM GÊNIO
EM 99 PARTÍCULAS

SAMUEL GRAYDON

INTRODUÇÃO

EM 29 DE MAIO DE 1919, no céu sobre a Ilha do Príncipe, a Lua passou na frente do Sol e o mundo mergulhou nas trevas. A fase do eclipse total havia começado. À espera daquele momento preciso, um cientista inglês deu uma espiada por uma câmera astrográfica para tirar fotos do evento. Na cidade de Sobral, no Brasil, outro cientista fez o mesmo, clicando apressadamente o máximo de fotografias que aqueles poucos minutos de obscuridade permitiram. Ambos agiam na esperança de conseguir registrar a curvatura da luz de uma estrela. E conseguiram.

Os resultados foram anunciados alguns meses depois, na Burlington House, em Londres, sede da Royal Society, esfacelando o conhecimento que se tinha até então a respeito da gravidade. As fotografias obtidas pelas equipes expedicionárias mostraram que a luz de estrelas a 153 anos-luz, no centro da constelação de Touro, mudou sua trajetória ao se aproximar do Sol. Sendo assim, essas estrelas não mais apareciam em suas posições de costume no céu. Só havia uma explicação que desse conta do fenômeno com exatidão: o próprio espaço tinha sido distorcido pela presença do Sol. A teoria da relatividade acabava de ser confirmada. Isaac Newton, o gigante da física, acabava de ser rebaixado e substituído por Albert Einstein, um cientista pouco conhecido fora da Alemanha.

Einstein tinha 40 anos na época, as têmporas apenas começando a ficar grisalhas, e vivia em Berlim. Ele soube dos resultados da expedição do eclipse pouco antes do horário que havia marcado para encontrar sua aluna Ilse Schneider. Durante a conversa, ele mostrou a Ilse o telegrama que tinha recebido informando-o do êxito de sua teoria. Ela ficou compreensivelmente entusiasmada e cobriu-o de elogios, reconhecendo

a mudança profunda que precisaria fazer em sua compreensão do Universo e suas leis. Einstein respondeu calmamente: “Eu *sabia* que a teoria estava certa.”¹

Mas e se os observadores do eclipse não tivessem constatado a curvatura da luz?, perguntou ela. Ou se tivessem visto a luz se curvar, mas não no grau previsto por Einstein em sua teoria? “Então eu sentiria muitíssimo por Deus”, respondeu ele. “A teoria está certa.”

Dois anos depois, Einstein percorreu os Estados Unidos em uma campanha de arrecadação de fundos para a causa sionista, cuja meta era criar um Estado judeu na Palestina. Àquela altura, ele era uma grande celebridade. Em cada cidade por onde passava, milhares e milhares de pessoas lotavam as ruas para vê-lo. Uma multidão de admiradores ergueu-o nos ombros, o presidente americano o recebeu e o Senado realizou até um debate sobre a dificuldade para compreender a relatividade.

Passado um ano, Einstein foi agraciado com o Prêmio Nobel de Física e deu uma série de conferências na Ásia. Quando estava no Japão, foi recebido pelo casal imperial, e uma multidão esperou a noite inteira em frente ao seu hotel, na esperança de que o grande homem aparecesse na varanda. Em Tóquio, fez uma palestra de quatro horas, traduzida por um intérprete. Sentindo-se um pouco culpado por submeter a plateia a tamanho suplício, deu um jeito de encurtar sua fala no evento seguinte para menos de três horas. Porém, durante a viagem de trem para mais uma cidade, percebeu que seus anfitriões estavam um pouco estranhos. Ele perguntou se havia algo errado. Sim, foi a resposta: Einstein havia insultado os organizadores da segunda palestra ao torná-la mais curta que a primeira. Assim, pelo restante da viagem, tomou o cuidado de não apressar suas explicações, e as plateias escutaram satisfeitas.

A fama de Einstein veio com tanta rapidez e tanta força que, mais ou menos nessa mesma época, dois estudantes americanos fizeram uma aposta e enviaram pelo correio um envelope endereçado simplesmente para “Professor Albert Einstein, Europa”. A correspondência chegou às mãos do físico, e sem muita demora. “Como o serviço postal é excelente!”, foi tudo que Einstein comentou.²

* * *

Vinte anos antes disso, em 1902, Albert tinha acabado de se mudar para Berna, na Suíça. Com 23 anos e fisionomia de menino, ele emanava uma energia incansável, uma intensidade serena. Um amigo que o conheceu nessa época ficou imediatamente impressionado pelo “brilho de seus grandes olhos”.³ Ele estava à espera de um emprego no Escritório de Patentes da Suíça – graças à ajuda de um amigo, a vaga foi praticamente criada para ele. Porém sua situação não era das mais fáceis. Com pouquíssimo dinheiro, havia publicado anúncios no jornal local oferecendo-se como professor particular de física e matemática, mas os alunos eram raros e a atividade lhe rendia pouco. Ele se alimentava mal e queixava-se de que seria mais fácil ganhar a vida tocando violino nas ruas. Além disso, sua namorada, Mileva Marić, dera à luz a filha deles pouco menos de um mês antes de Einstein seguir para Berna. Caso alguém descobrisse a existência de uma criança gerada fora do matrimônio, ele poderia dizer adeus ao cargo no Escritório de Patentes. O casal vinha fazendo de tudo para guardar o segredo de todo mundo, inclusive da família dele. Einstein sabia que precisaria se casar – achava até que queria isso –, mas ainda não se decidira. Fazia tempo que os pais dele haviam deixado bem claro seu desagrado em relação a Mileva, por isso ele sabia que certamente não abençoariam aquela união.

Embora o cargo no Escritório de Patentes fosse extremamente bem-vindo, ao aceitá-lo Einstein estaria, de certa forma, aceitando também o fracasso. Nos dois anos desde que terminara a universidade, ele havia se candidatado a postos acadêmicos em toda a Europa, tendo sido rejeitado por todos eles. O trabalho burocrático era uma necessidade, mas selava seu fracasso acadêmico, sua incapacidade de seguir aquilo que amava e a prevalência de suas obrigações.

Einstein continuaria se candidatando a postos acadêmicos por mais cinco anos, até finalmente conseguir, no degrau mais baixo da carreira. Em certo momento dessa degradante busca por emprego, abatido pela rejeição frequente, ele reviu suas ambições e candidatou-se a professor do ensino médio. A documentação enviada por ele incluía cópias de seus trabalhos científicos, inclusive sua tese de doutorado, e artigos sobre os quanta de luz e a relatividade especial. Havia 21 candidatos. Einstein não ficou nem entre os três finalistas.

É fácil enxergar a vida de Einstein bifurcando-se em duas metades: antes e depois da confirmação da relatividade geral, o que equivale a dizer antes e depois da fama. Na juventude, de acordo com essa narrativa, ele era subestimado, apesar de brilhante, enquanto na velhice era valorizado porém medíocre. Em parte, é verdade. Os melhores trabalhos de Einstein foram produzidos antes de ele se tornar famoso, e durante boa parte da juventude ele foi uma figura relativamente obscura. Levou nove anos para conseguir um cargo de professor assistente e nem foi a primeira escolha para a vaga.

Também é verdade que depois da fama ele produziu poucos artigos dignos de nota. Aquela que talvez tenha sido a última obra verdadeiramente importante de Einstein foi escrita vinte anos antes de sua morte. E não trazia o espírito desbravador dos trabalhos anteriores – não tentava explicar algo desconhecido, por exemplo, ou revolucionar algum campo de pesquisa. Era, isso sim, reacionária, criada por desconfiança da inovadora física da mecânica quântica. Nela, Einstein buscou desacreditar o *quantum* esboçando o “entrelaçamento”, fenômeno que em tese poderia ocorrer, segundo as regras da mecânica quântica, mas que ele considerava impossível na prática. Um dos hábitos mais notáveis de Einstein era estar certo mesmo quando estava errado. Nesse caso, o entrelaçamento viria a ser demonstrado como uma das verdades fundamentais do Universo.

Durante a maior parte dos seus últimos trinta anos de vida, ele se dedicou a desenvolver uma “teoria do campo unificado” – uma teoria de tudo, que englobaria todas as leis da natureza, dos movimentos dos corpos celestes ao magnetismo, passando pelo que ocorre dentro do átomo. Seus colegas cientistas o ignoravam cada vez mais, encarando-o como uma espécie de relíquia com baixíssima probabilidade de êxito.

No entanto, Einstein não pode ser definido de forma tão simplista. Ele é muito mais interessante do que pressupõe essa narrativa de uma vida coberta de louros seguidos de estagnação. Ela esconde confortavelmente fatos que não se encaixam, como o reconhecimento profissional e o êxito que ele alcançou na Alemanha antes mesmo de publicar qualquer coisa sobre a relatividade geral. Também ignora seu apoio ao povo judeu e ao pacifismo. Durante a escalada para a Segunda Guerra Mundial, essas outras facetas de

sua personalidade ficaram tudo, menos estagnadas. Ele gastou boa parte de seu dinheiro ajudando judeus a fugir da Alemanha e emigrar para os Estados Unidos, assim como na fundação da organização que viria a se tornar o Comitê Internacional de Resgate.

A fama de Einstein pode atrapalhar uma análise objetiva de sua vida. Ao criar uma expectativa de algo extraordinário, torna-se fácil desconsiderar a existência impressionante de Einstein. Ele teve um grau de êxito concreto quase impensável. Em um ano – na verdade, em metade de um ano, entre março e setembro de 1905 –, ele defendeu sua tese de doutorado; provou matematicamente a existência do átomo; conjecturou a ideia moderna da luz como um fluxo de partículas (e, ao fazer isso, estabeleceu a base da mecânica quântica); e propôs a Teoria da Relatividade Restrita – livrando-se de centenas de anos de ortodoxia científica. Foi assim que, quase por acaso, descobriu a equivalência entre energia e matéria, hoje imortalizada na equação $E = mc^2$. Fez tudo isso em seu tempo livre, enquanto trabalhava seis dias por semana como escrivão de patentes, sem acesso a uma biblioteca e com uma filha de 1 ano em casa.

Como se não bastasse, dez anos depois ele apresentou a Teoria da Relatividade Geral, capaz de, em um único conjunto de equações com um incrível grau de precisão, determinar as leis que governam nosso céu cravejado de estrelas. Quase sozinho, Einstein havia descoberto uma forma de conceber o espaço descrevendo com exatidão os movimentos de seus objetos: a teoria dava conta da órbita de Mercúrio, do movimento de duas estrelas orbitando uma à outra e de milhares de outras situações. A relatividade geral foi tão bem-sucedida na descrição das engrenagens do Universo que antecipava verdades em que nem mesmo Einstein era capaz de acreditar. Ele achava que o Universo era estático, mas sua teoria exigia que ele estivesse em expansão: a teoria estava certa. A relatividade insistia na existência de objetos estranhos no espaço, tão densos que nada podia escapar de sua gravidade. Einstein achou que fosse um erro matemático, que podia ser ignorado. Eram, na verdade, os buracos negros, de existência mais que real.

Não apenas na juventude, mas também na velhice, Einstein passou por dificuldades quase tão dramáticas quanto seus feitos. Ele e Mileva acabaram abrindo mão da filha, episódio inexplicado até hoje que afetou profundamente a relação entre eles. Mais tarde, o divórcio conflituoso levou a

uma relação complicada, triste e desagradável com seus outros dois filhos, Hans Albert e Eduard. As coisas degradingaram, sobretudo, com Eduard, que aos 20 anos ameaçou se matar e passaria boa parte da vida internado em hospitais psiquiátricos em tratamentos para a esquizofrenia. Em duas ocasiões Einstein foi alvo de atentados em potencial e, depois da ascensão do Partido Nazista, naquela que foi a expressão mais radical de antissemitismo que sofreu em toda a sua vida, teve que se exilar, deixando para trás a Alemanha, sua casa, seus bens e seus amigos.

* * *

Apesar de tudo isso, Einstein era, em muitos aspectos, uma pessoa bastante normal. A fantasiosa ideia de que gênio e loucura são duas faces da mesma moeda não se aplica a ele. Não era um homem recluso: tinha facilidade em fazer amigos e lidava sem problemas com esses relacionamentos. Longe de ser monomaníaco, interessava-se por música, arte e psicologia e participava de forma ativa da política de seu tempo. Em ocasiões distintas, foi fundador da organização pacifista Liga da Nova Pátria, atuou no Comitê de Cooperação Intelectual da Liga das Nações e foi secretário adjunto da Cruzada Americana pelo Fim dos Linchamentos. Também não era uma pessoa estoica, como foi dito muitas vezes. Quando sua obra era atacada, respondia de maneira acalorada, às vezes publicamente e, em geral, deixando de lado o bom senso.

Além disso, a genialidade de Einstein não era tão mística quanto se pode imaginar. Ele era um gênio – dono de uma das melhores mentes científicas da história. Diante de sua obra, é impossível afirmar o contrário – um de seus feitos secundários, por exemplo, é ter teorizado o processo da “emissão estimulada”, que viria a ser a base da invenção dos lasers –, mas ele não correspondia ao estereótipo do gênio inspirado e transcendental, cujo intelecto de alguma forma se dissocia do mundo. Uma das características mais constantes e atraentes de Einstein era sua capacidade de trabalho – de *se esforçar* de verdade, pra valer, para realizar alguma coisa.

Certo dia, quando era professor assistente em Zurique, seu aluno Hans Tanner foi até a casa dele. Encontrou Einstein no escritório, debruçado

sobre uma bagunça de papéis, trabalhando em equações. Escrevia com a mão direita e embalava Eduard no braço esquerdo. Enquanto isso, Hans Albert brincava alegremente no chão, tentando atrair a atenção do pai. “Só um minuto, estou quase acabando”, disse Einstein, entregando Eduard a Tanner e voltando às equações.⁴ Hans Albert contou, tempos depois, que o choro de um bebê nunca distraía Einstein. O trabalho parecia trazer-lhe tanto propósito quanto paz de espírito. Depois de sua primeira decepção amorosa, ele escreveu que o “esforço intelectual exaustivo” e o ato de estudar a natureza, em conjunto, o ajudavam a superar dificuldades e a levar a vida adiante.⁵ Em outros momentos de sofrimento extremo – após a morte da segunda esposa, Elsa, ou enquanto acompanhava a batalha de Eduard contra a depressão –, ele diria mais ou menos a mesma coisa: o trabalho era a única coisa que conferia significado à sua existência.

Ainda em vida, Einstein testemunhou avaliações públicas a seu respeito, tais como a percepção de que era uma figura quase santa, com uma superioridade moral não corrompida pela fama. Essa ideia também foi incentivada, depois de sua morte, por Helen Dukas, sua secretária por muitos anos e inventariante de seu espólio, e persiste inabalável. Há, porém, muito a lastimar em Einstein. Como revela seu diário de viagem de 1922, ele nutria opiniões racistas em relação a muitas pessoas que encontrou pela Ásia, assim como quando excursionou pela América do Sul em 1925. E menosprezava as mulheres. Na vida pessoal, tinha modos claramente desagradáveis: foi cruel com a primeira esposa, distante como pai e adúltero inveterado. Também queria tudo do jeito dele. Certa vez cancelou uma viagem com o filho adolescente só porque o garoto ousou dizer algo que o desagradou. Era capaz de tratar com ódio e maldade gratuita qualquer coisa ou pessoa que, a seu ver, tolhesse seu senso de liberdade.

Mesmo assim, Einstein é um personagem simpático, em parte devido a seu lado alegre, divertido e irreverente. Nas férias, ele acelerava sua lancha ao encontro de outros navegadores, desviando no último instante, gargalhando por ter evitado por muito pouco uma colisão – isso sem nunca ter aprendido a nadar. Chamava suas *Notas autobiográficas* – o mais próximo a que chegou de escrever algo abrangente sobre a própria vida – de seu “próprio obituário” e mesmo nelas raramente mencionava a si mesmo.⁶ Quando o médico o proibiu de fumar, convenceu-se de que, desde que outra pessoa

comprasse os maços, não estaria fazendo nada de errado, por isso passou a filar fumo de qualquer fonte a seu alcance, fosse a caixinha de tabaco de um colega ou um cigarro achado na rua.

É provável que Einstein consiga passar a imagem de simpático simplesmente por ter sido muito amistoso. Ele não era apenas sorridente e agradável com estranhos, mas também leal, carinhoso e franco com aqueles de quem gostava. Por isso, é difícil achar – fora de sua família, convém observar – alguém, entre aqueles que o conheceram, que não se referisse a ele de maneira gentil. Na autobiografia de Charlie Chaplin ou em uma entrevista com um Bertrand Russell já idoso; no diário de um conde alemão ou nas cartas de uma rainha da Bélgica; mesmo nas reminiscências dos colegas em todos os lugares onde trabalhou, constantemente se encontra a mesma sensação de felicidade por ter conhecido Einstein. Diante de tanta afeição, é quase irresistível tratá-lo como um amigo: com o prazer de estar em sua companhia e certa disposição a ponderar os erros e defeitos com complacência e até indulgência.

* * *

Este livro é uma biografia-mosaico. É composto de capítulos breves e de estilos variados que revelam momentos ou aspectos específicos da vida de Einstein – um pode ser uma anedota, outro, a discussão de uma obra científica, e um terceiro, uma troca de cartas. A intenção dessas pequenas peças isoladas é formar um quadro tão representativo de seu objeto quanto o retrato criado por uma biografia tradicional. Ao montar esse mosaico, não me proponho a “redimir” Einstein ou a fazer a defesa desta ou daquela característica de sua personalidade. Para mim, mais fascinantes são as incoerências de sua existência, as motivações inexplicáveis, incompatíveis e insanas que pontuaram os dias e os anos do físico genial.

Hoje em dia, Einstein é um personagem, tanto quanto um homem. Simboliza coisas maiores que ele próprio: o progresso científico, a prodigiosa mente humana, uma era. É visto como alguém dotado de um intelecto excepcional, como se representasse tudo aquilo de que somos capazes – imagem reforçada pela sua justiça franca, por seu desprezo pelo exibicionismo, pela aparência ou pelas premiações, por sua indiferença por aquilo

que pensavam dele e por sua busca resoluta pela verdade e pela paz. Ele é, resumindo, um personagem do bem.

Analisando sua vida, porém, nota-se que sua genialidade não ofuscou seu lado humano e que ele não tinha um lado B terrivelmente decepcionante. Quando, em 1929, publicou mais uma tentativa de chegar a uma teoria do campo unificado, igrejas por todo o território norte-americano debateram o que ela representava para a teologia, e o *The New York Times* enviou repórteres a congregações por toda Nova York. O reverendo Henry Howard, pastor da igreja presbiteriana da Quinta Avenida, comparou a nova teoria de Einstein aos sermões de Paulo sobre a unidade da natureza. Mas o fato é que a teoria não era um texto sagrado, produto de uma inteligência semidivina: estava completamente errada. Einstein acabaria por abandoná-la e não voltaria a trabalhar em outras tentativas de uma teoria do campo unificado.

Einstein nos lembra de que, para sermos a melhor versão de nós mesmos, não precisamos ter uma pureza acima de qualquer suspeita. Sua bondade não era uma condição do ser, um aspecto de sua genialidade – era, em vez disso, uma busca. E, por isso mesmo, ainda mais notável.

1



*Ilustração da Avenue de l'Opéra, Paris, 1894,
iluminada por velas elétricas Yablochkov.*

AS LUZES ESTAVAM SE ACENDENDO. Em junho de 1878, um interruptor foi ligado em Paris. A Avenue de l'Opéra – a grande via com enormes paralelepípedos que conduz o olhar para o prédio da ópera – iluminou-se subitamente. Uma luz intensa e incomum fez rebrilharem as fachadas de arquitetura haussmanniana, lançando uma sombra sobre os andares superiores. A multidão ali reunida ficou pasma. A Avenue de l'Opéra era a primeira rua do mundo a ser iluminada por postes elétricos.

Até o fim daquele ano, essas lâmpadas, conhecidas como “velas Yablochkov”, foram instaladas nas margens do Tâmsa, em Londres, em postes

cujas bases eram decoradas com peixes recurvos e monstruosos. Em pouco tempo seu brilho trêmulo e sobrenatural seria visto em várias grandes cidades dos Estados Unidos.

Por mais maravilhosas que fossem, as velas Yablochkov eram brilhantes demais para iluminar interiores. Havia um grande esforço para criar uma lâmpada elétrica adequada para escritórios, comércios e residências. Em janeiro de 1879, em uma palestra em Newcastle, o químico britânico Joseph Swan demonstrou, com êxito, uma lâmpada funcional. Naquele mesmo ano, em Menlo Park, no estado americano de Nova Jersey, Thomas Edison se propôs a elaborar sua versão. Edison dispunha de sua própria fábrica doméstica de vidro soprado para abastecê-lo com um fluxo quase permanente de lâmpadas. Ele precisava disso. Naquele ano, testou mais de 6 mil materiais como possíveis filamentos, o que exigiu carbonizar quase toda planta concebível – bambu, buxo, cedro, linho, loureiro, nogueira. Em 22 de outubro de 1879, aplicou voltagem a um fio queimado de algodão, enrolado dentro de uma lâmpada. O fio emitiu uma luz suave e alaranjada que durou várias horas. O projeto de Edison tinha dado certo.

Foi nesse mundo novo, cada vez mais iluminado, que Albert Einstein nasceu, em 14 de março de 1879, um pouco depois do meio-dia.

Ele nasceu em Ulm, uma antiga cidade da Suábia, no sudoeste da Alemanha, debruçada sobre o Danúbio. O lema da cidade, que remonta a centenas de anos, é *Ulmenses sunt mathematici*: “Os ulmenses são matemáticos”. Em 1805, a cidade foi o palco da derrota do exército austríaco diante de Napoleão. Na época em que os pais de Einstein ali viveram, operários estavam construindo uma torre para a catedral, onde certa vez Mozart apresentou-se ao órgão. Ao ser terminada, era a igreja mais alta do mundo.

Pauline Einstein, 11 anos mais jovem que o marido, Hermann, vinha de uma família abastada. O pai, Julius Koch, administrava um comércio de grãos e havia conseguido se tornar o “fornecedor da corte real württembergiana”. Ela era refinada e bem-educada, mas não era vista como esnobe. Versada em literatura alemã, também tinha apreço pela música e tocava piano com talento e gosto. Dizia-se que era prática, eficiente e de caráter forte, conhecida por um humor aguçado e sarcástico que podia tanto fazer rir quanto magoar.

Assim como a esposa, Hermann descendia de comerciantes e mercados judeus. Havia séculos que os Einsteins ganhavam a vida na Suábia rural, e a cada geração mais se assimilavam à sociedade alemã, a ponto de Hermann e Pauline se considerarem tão suábios quanto judeus. Na verdade, os pais de Einstein se interessavam pouco pela religião judaica.

Hermann contrastava favoravelmente com a esposa. Simpático, dócil até, tinha gostos mais simples. Gostava de se cercar dos prazeres da vida; parar em um bar, comer linguíça com rabanete e tomar cerveja. Usava bigodão, tinha o queixo quadrado e um corpanzil que transmitia confiança. No ensino médio, mostrou certa aptidão matemática e, mesmo sem ter tido condições de entrar na universidade, instruiu-se o suficiente para angariar o acesso a uma classe social superior. O filho recordava-se dele como sensato e amigável. Também era um otimista imperturbável, embora muitas vezes seus sonhos se revelassem inviáveis.

No verão de 1880, quando Albert tinha 1 ano, Hermann foi convencido pelo irmão mais novo, Jakob, a mudar-se com a família para Munique e tornar-se sócio de sua empresa de engenharia, a Jakob Einstein & Cie. Ao se mudar, a família Einstein trocou um lugar quase pastoril, onde as vacas ainda passeavam pela praça principal, por outro de agitação urbana. A capital da Baviera era uma cidade de 300 mil habitantes. Tinha uma universidade, um palácio real e um mercado de arte em expansão.

No começo, os irmãos lidaram com água, gás e fabricação de caldeiras, mas em pouco tempo foram parar na engenharia elétrica. Em 1882, participaram da Exposição Eletrotécnica Internacional de Munique, em que demonstraram dínamos, lâmpadas a arco e lâmpadas incandescentes – e um telefone. Três anos depois, iluminaram a Oktoberfest de Munique com luz elétrica pela primeira vez. Para o jovem Albert, portanto, a luz elétrica não era uma abstração que sugeria uma revolução tecnológica muito distante. Era algo real, imediato e compreensível. Jakob e Hermann começaram a ensinar o negócio ao menino. Ele aprendeu as minúcias dos motores, as questões práticas da eletricidade e da luz e as leis da física que as governavam.

Depois de investir muito dinheiro da família de Pauline, a empresa prosperou, obtendo contratos de iluminação de rua em outras cidades da Alemanha e do norte da Itália. Com Jakob como detentor de importan-

tes patentes, a empresa, em seu auge, empregava duzentas pessoas e chegou a competir com Siemens, AEG e similares. Porém, em 1893, quando Einstein era adolescente, a sorte da empresa mudou, após perder uma série de licitações para levar a luz elétrica a localidades de Munique. A Einstein & Cie era a única empresa com sede na cidade a concorrer aos contratos, mas também era a única empresa judaica e isso pode ter pesado. A empresa quebrou e a casa de Hermann e Pauline foi confiscada. Expulsos do próprio lar, decidiram começar de novo na Itália, onde as perspectivas empresariais eram melhores.

A luz elétrica cercava o jovem Einstein – estava na vanguarda da tecnologia moderna e no âmago do negócio da família. Porém, embora os cientistas soubessem iluminar as ruas da cidade e fazer com que filamentos à base de fibras vegetais brilhassem como ouro por horas a fio, a luz propriamente dita ainda era, em grande parte, um mistério. Isso não tardaria a mudar.

CONHEÇA ALGUNS DESTAQUES DE NOSSO CATÁLOGO

- Augusto Cury: Você é insubstituível (2,8 milhões de livros vendidos), Nunca desista de seus sonhos (2,7 milhões de livros vendidos) e O médico da emoção
- Dale Carnegie: Como fazer amigos e influenciar pessoas (16 milhões de livros vendidos) e Como evitar preocupações e começar a viver
- Brené Brown: A coragem de ser imperfeito – Como aceitar a própria vulnerabilidade e vencer a vergonha (600 mil livros vendidos)
- T. Harv Eker: Os segredos da mente milionária (2 milhões de livros vendidos)
- Gustavo Cerbasi: Casais inteligentes enriquecem juntos (1,2 milhão de livros vendidos) e Como organizar sua vida financeira
- Greg McKeown: Essencialismo – A disciplinada busca por menos (400 mil livros vendidos) e Sem esforço – Torne mais fácil o que é mais importante
- Haemin Sunim: As coisas que você só vê quando desacelera (450 mil livros vendidos) e Amor pelas coisas imperfeitas
- Ana Claudia Quintana Arantes: A morte é um dia que vale a pena viver (400 mil livros vendidos) e Pra vida toda valer a pena viver
- Ichiro Kishimi e Fumitake Koga: A coragem de não agradar – Como se libertar da opinião dos outros (200 mil livros vendidos)
- Simon Sinek: Comece pelo porquê (200 mil livros vendidos) e O jogo infinito
- Robert B. Cialdini: As armas da persuasão (350 mil livros vendidos)
- Eckhart Tolle: O poder do agora (1,2 milhão de livros vendidos)
- Edith Eva Eger: A bailarina de Auschwitz (600 mil livros vendidos)
- Cristina Núñez Pereira e Rafael R. Valcárcel: Emocionário – Um guia lúdico para lidar com as emoções (800 mil livros vendidos)
- Nizan Guanaes e Arthur Guerra: Você aguenta ser feliz? – Como cuidar da saúde mental e física para ter qualidade de vida
- Suhas Kshirsagar: Mude seus horários, mude sua vida – Como usar o relógio biológico para perder peso, reduzir o estresse e ter mais saúde e energia

sextante.com.br

